

## 2 CRESCENDO COM AS LIÇÕES DA ESCOLA BÁSICA.

*Erika Regina Mozena<sup>1</sup>*

Desde que eu me entendo por gente eu me vejo dentro da escola e muito feliz. Sempre gostei muito de aprender. A escola era a minha vida. Ficava triste quando as férias se aproximavam. Quando chovia, minha mãe não me deixava ir à escola, pois era longe e eu ia a pé. Nessas ocasiões, então, eu acordava cedo, procurava não fazer barulho para não acordá-la, não tomava café e saía escondido com medo de ter que ficar em casa.

Sempre admirei o papel do professor e me sentia feliz em dividir os meus conhecimentos com os outros. Minha brincadeira predileta era brincar de escolinha, sendo que eu queria ser a professora. O chato é que ninguém queria brincar comigo.

Assim, desde criança sabia qual seria a minha profissão. Minha dúvida era com relação à série em que eu lecionaria, pois quando estava no primeiro ano eu queria dar aula no primeiro ano, quando passei para o segundo, já era para essa série que eu queria dar aula, e assim sucessivamente.

Um fato engraçado é que eu não me lembro de ficar em casa estudando nos primeiros anos escolares e muito menos se eu tirava boas notas. Apenas duas cenas com relação a isso não me saem da cabeça, uma muito negativa e a outra positiva para mim.

Começarei pela experiência ruim. Eu estava na quarta série e as aulas haviam terminado para quem 'passou de ano' e só restava a recuperação para os outros alunos. Como eu abominava férias, pois só ficava em casa, resolvi ir à recuperação. A professora, 'Dona' Ivani, gritou comigo na frente de todos os alunos, dizendo que ali eu só estaria atrapalhando, pois já havia passado de ano, e me disse para não aparecer mais. Fiquei profundamente chateada e hoje vejo com tristeza o quanto essa professora perdeu uma oportunidade, pois eu podia de diversas formas auxiliar, tanto a ela, quando aos outros alunos.

---

<sup>1</sup> **ERIKA REGINA MOZENA:** é pesquisadora colaboradora no Instituto de Física da UFRGS, onde desenvolve pós-doutorado sobre interdisciplinaridade no ensino de ciências. Possui graduação em Física (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (1998), mestrado em Ensino de Ciências (Modalidade Física) pela Universidade de São Paulo - USP (2003) e doutorado em Ensino de Física (2014) pela UFRGS. Atuou como formadora de profissionais da educação no projeto "Mão na Massa" na Estação Ciência em São Paulo, além de vários cursos de capacitação de professores pelas secretarias estaduais e municipais de São Paulo. Foi professora de física de escolas estaduais e particulares do Estado de São Paulo. CV: <http://lattes.cnpq.br/0603505701505775> **Contato:** [erikamozena@hotmail.com](mailto:erikamozena@hotmail.com)

A outra cena, que só foi boa para mim, aconteceu no meu primeiro ano escolar. A professora, 'Dona' Penha, estava dando uma bronca em um aluno (morador da favela ao lado, diga-se de passagem), dizendo que ele era preguiçoso e não estudava. De repente, ela virou-se para mim e disse ao menino: 'por que você acha que a Erika tira notas tão boas? Eu não vou nem perguntar a ela, pois tenho certeza que ela chega em casa todo dia e estuda a lição que a gente acabou de aprender'

Aquilo 'caiu' sobre mim como uma bomba! Eu não fazia nada daquilo que ela disse! Fiquei até certo ponto assustada e preocupada, uma vez que não estava fazendo o que a professora queria. Mas fiquei muito orgulhosa e, naquele dia, logo que cheguei em casa fui correndo estudar a lição do dia, que eu jamais vou me esquecer, a lição da vaca: "va, ve, vi, vo, vu"!

Antes de me tornar professora, esses episódios marcavam minhas lembranças como fatos corriqueiros, mas depois eu passei a vê-los de forma diferente. Embora a primeira cena tenha me deixado muito chateada, eu acreditava em mim e não me deixei abalar. Em contrapartida, o menino da segunda cena não 'passou de ano', e hoje eu penso se ele ainda mora na favela, e o que aconteceu com a sua autoestima depois deste e de uma série de episódios semelhantes que, possivelmente, a escola deve lhe ter proporcionado. Eu não precisava do elogio e o menino, com certeza, também não precisava da comparação.

Hoje, depois de ter abandonado o magistério há um bom tempo e estar me dedicando à pesquisa, enxergo esses episódios sob nova ótica. Não posso julgar as professoras aqui referidas. Ser professor não é só conhecer os conteúdos e saber ensinar. Ser professor é improvisar em meio há muitos condicionantes e demandas, sendo a mais preciosa delas a interação professor-aluno e a tentativa de se estabelecer um ambiente propício ao aprendizado. E como isso é difícil! E o professor acaba fazendo o que pode e como pode.

Não posso julgar, mas posso aprender com esses episódios! E ao me transformar interiormente, consigo cada vez mais contribuir com minha reflexão e os meus saberes docentes para um mundo mais respeitoso e dialógico. Um ideal ainda distante, mas que sempre começa dentro nós!